

## IRMÃOS E IRMÃS: EXPLORANDO O TEMA DA SALVAÇÃO UNIVERSAL NO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

**Vamberto Marinho de Arruda Junior**, Doutorando e Mestre em Teologia pela PUC-SP. Bolsista Capes. Graduado e Especialista em Teologia pelo Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia; membro do grupo de pesquisa: Lepralise do PPG em Teologia da PUC-SP.\*

### RESUMO

O artigo analisa as interações de Jesus com grupos marginalizados e vulneráveis no Evangelho de Lucas. Observa-se o foco universal de salvação em sua mensagem, desafiando normas sociais ao incluir coxos, cegos, leprosos, mulheres, pecadores, publicanos, samaritanos, gentios, pobres e desfavorecidos. As curas e interações não apenas demonstram poder divino, mas também a intenção de Jesus em oferecer dignidade e esperança aos marginalizados. A abordagem inclusiva se estende aos fariseus, mostrando a importância da compaixão e justiça divinas para todos. O estudo destaca a mensagem de igualdade e fraternidade entre todos os seres humanos, enfatizando a responsabilidade de cuidar dos marginalizados. Como discípulos de Jesus, somos chamados a agir em solidariedade com os desfavorecidos, reconhecendo nossa humanidade comum e transformando vidas com compaixão e inclusão.

**Palavras-chave:** Lucas. Fraternidade. Inclusão.

### ABSTRACT

The article examines Jesus' interactions with marginalized and vulnerable groups in the Gospel of Luke. It observes the universal focus of salvation in his message, challenging social norms by including the lame, blind, lepers, women, sinners, tax collectors, Samaritans, Gentiles, poor, and disadvantaged. The healings and interactions not only demonstrate divine power but also Jesus' intention to offer dignity and hope to the marginalized. The inclusive approach extends to the Pharisees, showing the importance of divine compassion and justice for all. The study highlights the message of equality and fraternity among all humans, emphasizing the responsibility to care for the marginalized. As disciples of Jesus, we are called to act in solidarity with the disadvantaged, recognizing our common humanity and transforming lives with compassion and inclusion.

**Keywords:** Luke. Fraternity. Inclusion.

---

\* E-mail: [prvambertojr@gmail.com](mailto:prvambertojr@gmail.com)

## Introdução

O Evangelho segundo Lucas apresenta um foco particularmente amplo e inclusivo em relação à salvação oferecida por Jesus. Este estudo analisa as interações de Jesus com diversos grupos marginalizados e vulneráveis, destacando como essas narrativas refletem o conceito de salvação presente em Lucas. E esta salvação tem um enfoque universal, ou seja, é destinada a todos e todas, a todos os povos e a cada nicho, grupo, dentro destes povos, como bem explica Fitzmyer (2008, p. 187): “Outro aspecto da distinta visão lucana da história da salvação é sua dimensão universalista. A nova irrupção da atividade salvífica divina na história humana inclui a extensão da salvação a pessoas fora do antigo povo escolhido de Deus.”

Ao examinar como Jesus cuidou das mulheres, pecadores, publicanos, samaritanos e gentios, pobres e desfavorecidos, doentes e pessoas com deficiência, até mesmo dos fariseus, podemos compreender melhor o alcance abrangente da mensagem de Lucas.<sup>1</sup> Esta pesquisa enfatiza que o foco na salvação universal não apenas apoia, mas também fortalece a ideia de que somos todos irmãos, independentemente de nossa posição na sociedade. Todos somos ovelhas que precisam de um pastor compassivo que venha nos buscar, como expressa Marshall:

---

<sup>1</sup> “No Evangelho de Lucas, Jesus mostrou predileção por vítimas de um poder que criava uma situação de exclusão e opressão: doentes (Lc 4,40; 14,21-24), pobres, famintos (Lc 6,20-22; 16,19-31), pecadores (Lc 18,13-14), pagãos (Lc 7,1-10), crianças (Lc 18,15-17; 9,46-48). Ele é o ‘amigo de publicanos e pecadores’ (7,34). Para aqueles que estavam longe da vida cultiva em Israel por incapacidade de cumprir todos os preceitos da Lei judaica ou para aqueles que haviam cometido o mal, a misericórdia que marca a ação de Jesus responde com o perdão irrestrito. No Evangelho de Lucas, Jesus é o protagonista dos grandes perdões: do perdão à mulher pecadora (7,36-50), a Zaqueu (19,1-10), ao malfeitor arrependido (23,39-43) e também o perdão ao ‘filho pródigo’ da parábola (15,11-32). Na cura do paralítico, a cura acontece para que os ouvintes de Jesus saibam que o Filho do Homem tem poder de perdoar os pecados na terra (5,17-26). No terceiro Evangelho, o chamado dos primeiros discípulos se dá também num momento de pesca, mas diferente de Marcos e Mateus. A condição de Pedro é de ‘pecador’ (Lc 5,8) e não de pescador e, a partir da Palavra de Jesus, deixa de chamá-lo de ‘mestre’ e passa a nomeá-lo ‘Senhor’. Jesus vem em busca dos pecadores e excluídos pela religião. É a partir do encontro e da experiência misericordiosa com Jesus que surgem as mudanças de vida. O arrependimento, a conversão, o retorno, o encontro...A mudança radical de vida de quem estava perdido é expressa com a palavra metanoia, que significa também uma mudança de mentalidade. Espera-se então um novo começo de vida, uma oportunidade nova que Jesus oferece gratuitamente.” PERONDI, Ildo; CATENASSI, Fabrizio Z. Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas. Cadernos Teologia Pública, São Leopoldo, UNISINOS, Ano 13, v. 13, n. 118, 2016, p. 20-21.

As notas principais soadas no início são as ideias de salvação e boas novas. O ensino, as curas e os atos de compaixão mostrados por Jesus são partes da proclamação das boas novas, e a mensagem de Jesus é resumida com precisão ao dizer: “O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.” Lucas enfatiza particularmente como esta salvação é para todos os que são pobres e necessitados e o impacto total do Evangelho é mostrar a “largura da misericórdia de Deus”. (Marshall, 1978, p. 35-36).

Antes de mais nada, se realça que a obra lucana é uma obra com duas partes, o Evangelho de Lucas tem um livro histórico que o acompanha, é uma segunda parte, o livro de Atos dos Apóstolos,<sup>2</sup> o que em si já uma novidade com relação aos demais evangelistas. E tem mais, “Considerados juntamente, os livros do evangelho de Lucas e dos Atos dos Apóstolos representam pouco mais do que um quarto do volume do N.T.” (CHAMPLIN, s.d., p. 909). Além da novidade literária, há também a maneira como os livros foram escritos, já que a forma como se diz algo é tão importante quanto o que se diz, na verdade forma e conteúdo estão entrelaçados, como explica Grenzer:

Todo bom poeta conduz seu leitor, primeiramente, pela forma que dá a seu texto. Portanto, a análise literária não é apenas uma experiência estética, no sentido de ler-se algo bonito e artisticamente composto, mas é a forma do texto que faz o leitor perceber o que é importante em relação ao conteúdo. O que é repetido, oposto, colocado no centro, etc., recebe um maior destaque, exigindo atenção especial do ouvinte. (GRENZER, 2006, p. 29).

Assim, a maneira que o Evangelho foi escrito, sua forma, sua sequência, tudo fala junto com o conteúdo e apresentam uma mensagem. No caso do Terceiro Evangelho, o hagiógrafo construiu um quiasmo (estrutura concêntrica) unindo-o com o livro de Atos e tendo um enfoque geográfico, onde a cidade e os eventos ocorridos em Jerusalém ficam num centro. Segue abaixo um esquema de Lucas-Atos, baseado em Blomberg:

---

<sup>2</sup> MARSHALL, I. Howard. **The Gospel of Luke**: a commentary on the Greek text. Exeter: Paternoster Press, 1978, p. 35, fortalece essa ideia ao dizer que: “Ele [o autor de Lucas] estava preocupado em escrever um Evangelho, ou seja, uma apresentação do ministério de Jesus em seu significado salvífico, mas fazê-lo no contexto de uma obra em duas partes que apresentaria a história da igreja primitiva, demonstrando assim como a mensagem do evangelho se espalhou, de acordo com a profecia e o mandamento de Deus, até os confins da terra.”

Quadro 1 – Esboço geral de Lucas-Atos

O nascimento de Jesus no contexto da história mundial e do governo Romano
Jesus na Galileia
em Samaria e Judeia
em Jerusalém
O núcleo de Lucas-Atos: Ressurreição e Ascensão
a igreja em Jerusalém
na Judeia e em Samaria
ao longo do mundo gentio
a pregação do evangelho por Paulo chega até Roma

Fonte: BLOMBERG (2009, p. 191).

Essa organização geográfica centralizada em Jerusalém, segundo Blomberg (2009, p. 190), destaca que “a ressurreição e a ascensão, duas vezes narradas [Lc 24 e At1], formam o núcleo do ‘querigma’ (proclamação) cristão para Lucas.” A mensagem do Cristo ressurreto, que está nos céus, fortalece tudo que o Cristo antes da cruz fez e demonstra com clareza que tudo que este fez é ratificado e sancionado pela Divindade. Com isto em mente, segue agora ações de inclusão e misericórdia por parte de Jesus, para com os grupos já citados.

### Jesus e as mulheres

Lucas dá destaque às mulheres e seus papéis na narrativa, incluindo histórias como a visita de Maria à casa de Isabel e a parábola da mulher que procura uma moeda perdida. McMahan (1987, p. 70) afirma: “As mulheres alcançam um status no corpus lucano sem paralelos no Novo Testamento. Com uma ampla variedade de estratégias literárias à sua disposição, o narrador conduz cuidadosamente o leitor à percepção de que às mulheres nesta história são concedidos espaços iguais que aos homens.” Lucas mostra isso até na forma como escreve seu Evangelho, colocando relatos em pares homem-mulher, macho/ fêmea:

Quadro 2 - Paralelos Masculino-Feminino do Evangelho de Lucas

MASCULINO	FEMININO
1,5-25 Anunciação a Zacarias	1,26-38 Anunciação à Maria
1,67-79 cântico de Zacarias	1,46-56 cântico de Maria
2,25-35 profecia de Simeão	2,36-38 profecia de Ana
4,27 homem da Síria	4,25-26 mulher de Sidon
4,31-37 demônio no homem repreendido	4,38 febre na mulher repreendida
5,19-26 homem desesperado perdoado	7,35-50 mulher desesperada perdoada
6,12-16 lista de seguidores masculinos	8,1-3 lista de seguidoras femininas
7,1-10 servo do homem salvo da morte	7,11-17 filho da viúva salvo da morte
11,32 homens de Nínive	11,31 rainha do sul

13,18-19 homem com um grão de mostarda	13,20-21 mulher com fermento
14,1-4 homem curado no sábado	13,10-17 mulher curada no sábado
15,4-7 homem perde uma ovelha	15,8–10 mulher perde uma moeda
17,34 dois homens dormindo	17,35 duas mulheres no moinho

Fonte: Powell, 2018, p. 175.

Na sociedade judaica do primeiro século d.C. a mulher, de maneira geral, não participava da vida pública, como dizia Filo: “toda a vida pública com suas discussões e assuntos, em tempo de paz ou de guerra, é feita para homens” (JEREMIAS, 1983, p. 475). E mesmo no ambiente familiar não se tinha muitas liberdades, as mulheres casadas estavam sob a autoridade do marido e sua situação jurídica não era das melhores, embora fosse amparada por lei quanto à sua manutenção pelo marido, tanto que o judaísmo da época perguntava: “Qual a diferença entre uma esposa e uma concubina? R. Meir [cerca de 150 d.C.] respondia: A esposa dispõe de um contrato de casamento, a concubina não o possui”. (JEREMIAS, 1983, p. 484).

As mulheres dependiam do esposo e podiam ser repudiadas a qualquer momento, ficando assim numa situação de vulnerabilidade, não à toa que “uma grande parte do ministério de Jesus foi centralizada nas necessidades e pedidos de mulheres.” (LAKE, 2008, p. 400).

O acolhimento de mulheres como discípulas, o fato de ter mulheres como patronas, cenas de refeição com mulheres, tudo isso aponta para uma forma de inclusão e também de desenvolvimento das cenas do Terceiro Evangelho, como explica McMahan:

As mulheres têm um papel importante e contínuo na sequência dos eventos narrados em Lucas-Atos. Isso pode ser facilmente percebido nas refeições com mulheres. Como quadros individuais de um filme, as refeições com mulheres representam apenas um aspecto de seu papel complexo no corpus lucano; no entanto, essas cenas de refeição fornecem talvez as pistas mais perspicazes para compreender o status e o papel das mulheres no desenvolvimento da sequência de eventos narrativos. [...] Uma das maneiras pelas quais as mulheres desse tipo de cena avançam o enredo é por meio de seu papel de apoio a Jesus e seus discípulos em suas jornadas. O motivo das viagens ocupa um lugar privilegiado em Lucas-Atos. Jesus era um pregador itinerante que estava sempre em movimento. [...] Para que a história desses missionários viajantes seja crível, o narrador deve explicar como eles obtiveram comida e abrigo durante suas jornadas. A resposta era que eles dependiam de patronos que podiam financiar sua missão. Com frequência, esses patronos são mulheres.”

(MCMAHAN, 1987, p. 99-100).

Diante de diversos exemplos encontrados no Evangelho segundo Lucas, o autor deste artigo seleciona dois episódios para destacar o carinho e acolhimento demonstrados por Jesus para com as mulheres: a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lucas 7,11-17) e Maria Madalena e outras mulheres discípulas (Lucas 8,1-3).

A história da ressurreição em Naim (Lucas 7,11-17) é exclusiva de Lucas<sup>3</sup> e representa um aumento gradual na demonstração do poder de Jesus. Na história anterior, Cristo cura um enfermo; agora, Ele ressuscita um morto (FITZMYER, 2008, p. 655). Interessante é que a narrativa evidencia a compaixão de Jesus em favor da mãe viúva, não do órfão morto. Este posicionamento compassivo é percebido quando Jesus vê a viúva; em Lucas a motivação para a ação é o ato de ver, como diz Perondi (2014, p. 171): “Há um dado interessante: quando o verbo [compadecer-se] aparece ele é precedido do verbo ‘ver’. Portanto, é ao ver a situação de dor, sofrimento que a pessoa ou o próprio Deus são movidos de compaixão.” A ação de Jesus começa a partir dessa visualização, e o milagre acontece independentemente da fé messiânica da mulher, não é a fé que produz o agir divino em favor dela,<sup>4</sup> como evidencia Nolland (1989, p. 323): “Jesus responde com compaixão às necessidades da mãe. Ela, não o filho, é a beneficiária do milagre”, mas a percepção visual de seu sofrimento, por parte de Jesus. Isso ressalta o carinho, a gentileza e o olhar compassivo de Jesus em favor daqueles que sofrem, especialmente das mulheres.

No episódio relatado em Lucas 8,1-3, é apresentado um resumo das ações de Jesus na Galileia, conforme explicado por McMahan (1987, p. 80):

<sup>3</sup> PERONDI, Ildo. **A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc 7,11-17). O emprego do verbo *splangxizomai* na perícopie e no Evangelho de Lucas.** Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humana da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015, p. 18, declara: “Este prodígio realizado por Jesus e narrado exclusivamente no terceiro Evangelho (Lc 7,11-17), prepara a passagem seguinte, que é a resposta para os enviados de João Batista (7,18-21). Ao mesmo tempo o capítulo 7 de Lucas forma um arco de ações misericordiosas de Jesus em favor das pessoas marginalizadas e excluídas. Inicia com a cura de um estrangeiro (7,1-10), e se estende a outro fato: a ação misericordiosa de Jesus em favor de uma mulher pecadora, também sem nome (7,36-50)”.

<sup>4</sup> FITZMYER, Joseph A. **The Gospel according to Luke I–IX: introduction, translation, and notes.** New Haven; London: Yale University Press, 2008, p. 659, esclarece: “Assim, o motivo do milagre é apresentado. Ela procede da compaixão espontânea de Jesus pela mulher; como o ‘autor da vida’ (Atos 3:15), ele manifesta seu poder em relação a ela em sua extrema necessidade. Não envolve ‘fé’, como aconteceu no episódio anterior.”

“... em Lucas 8,1-3, o narrador está descrevendo de forma resumida o que frequentemente acontecia no ministério de Jesus começando na Galileia; as mulheres o serviam.” Isso evidencia como as mulheres seguiam e apoiavam o ministério público de Jesus, como destaca o contraste entre os discípulos masculinos em Lucas 6,12-16 e as discípulas femininas em Lucas 8,1-3, algumas das quais são até mesmo nomeadas. Tal fato chama a atenção, tanto que McMahan (1987, p. 81) afirma: “Isso sugeriria alguma equivalência entre os dois grupos que são apresentados em cada uma dessas listas de discípulos.”

Em suma, os relatos dos episódios em Lucas 7,11-17 e Lucas 8,1-3 revelam um profundo cuidado e atenção às mulheres por parte de Jesus. Seja compaixão, seja inclusão, tais textos, selecionados entre muitos, destacam a igual importância dada por Jesus à ala feminina de seus seguidores, trazendo um matiz de igualdade e fraternidade. Esse padrão de tratamento se estende aos demais grupos a serem analisados aqui.

## **Pecadores e publicanos**

Lucas registra a disposição de Jesus em se associar com publicanos e pecadores, frequentemente compartilhando refeições com eles (Lc 5,29-32; 15,1-2). A parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32) é um exemplo marcante da ênfase de Lucas na aceitação e no perdão. O Evangelho de Lucas enfatiza o coração misericordioso de Jesus, que busca ativamente os que estão perdidos. As parábolas da ovelha perdida (Lc 15,3-7) e da moeda perdida (Lc 15,8-10) ilustram a alegria do céu quando um pecador se arrepende. Um exemplo notável da atitude compassiva de Lucas em relação aos publicanos é a história de Zaqueu (Lc 19,1-10). Zaqueu, um publicano rico, busca ver Jesus e, em resposta, Jesus vai à casa dele. Essa narrativa mostra a disposição de Jesus em alcançar pessoas que eram marginalizadas, resultando na transformação de Zaqueu. Não se pode esquecer o surpreendente chamado de um publicano para ser discípulo de Jesus (Levi – Lc 5,27-28). Essa disposição amorosa está em consonância com a disposição evangelística de Jesus, apresentada em Lucas:

Se estivéssemos procurando um texto para resumir a mensagem do Evangelho, sem dúvida seria Lucas 19:10: “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido”. Com este versículo, Lucas conclui a história do ministério de Jesus na Galileia e na Judeia. A seção imediatamente seguinte, que contém a parábola das minas (Lucas 19:11-27), aponta para a entrada em Jerusalém e pertence à nova seção que começa aqui e não à anterior. A palavra de Jesus, portanto, representa o ápice de seu ministério evangelístico e resume seu significado: Jesus veio para salvar. (MARSHALL, 1978, p. 116.).

Jesus era criticado, especialmente pelos fariseus,<sup>5</sup> por se associar com pecadores e publicanos, já que para esse grupo judeus, relacionar-se com estas pessoas, significava aprovar seu estilo de vida: “Tais atividades dão indícios, ao que parece, de que alguém aprova a vida imoral dos pecadores; não se deve arriscar dar essa aprovação. As relações comerciais eram compreensíveis, mas a familiaridade nas atividades habituais que expressavam unidade - isso era errado.” (KILGALLEN, 2012, p. 591). Mas a associação com estas pessoas era o que fazia a diferença em suas vidas, a exemplo de Zaqueu, conforme explica Kilgallen (2012, p. 598, grifo acrescentado): “Não há indicação clara de que o desejo e o esforço de Zaqueu para “ver” Jesus realmente ocultassem um arrependimento incipiente. **Não, é apenas o tempo real gasto com Jesus que explica o arrependimento.**”

No capítulo 15 do Evangelho de Lucas há uma demonstração da misericórdia, da compaixão ativa divina com relação aos pecadores. Como bem expressam Perondi e Catenassi:

O capítulo 15 é o centro e o coração do evangelho de Lucas, ensinando e demonstrando a pedagogia pastoral de Deus, que se deixa tocar em Jesus. Nele, Lucas reuniu três histórias que ilustram o mesmo tema: participar da alegria de Deus, que, agora, por meio de Jesus, acolhe e salva os pecadores. O Evangelho de Lucas é o “evangelho da alegria”, marca presente desde o início (Lc 1,14.28.44.58; 2,10...). As três parábolas do capítulo 15 são chamadas também de “parábolas da alegria”, já que o tema perpassa as mesmas (Lc 15,5.6.9.10.32). A alegria é própria dos seguidores de Jesus. Os primeiros cristãos praticavam a mensagem de Jesus “partilhando o pão com alegria” (At 2,46). (PERONDI; CATENASSI, 2016, p. 13)

As três parábolas reforçam a intenção soteriológica jesuânica e estão em harmonia com o rosto de Cristo apresentado em Lucas. Em

<sup>5</sup> “Por quatro vezes, Lucas apresenta desacordo, se não conflito, sobre a prática de Jesus de comer com pecadores e cobradores de impostos, de confraternizar com essas pessoas além do que ‘os piedosos’ teriam permissão para fazer. Ele é questionado por uma variedade de críticos, não por um único grupo: os fariseus e seus escribas (5,30), as pessoas desta geração (7,31), os fariseus e os escribas (15,2) e uma multidão (19,7); os fariseus, claramente, são seus principais oponentes nessa questão. Cada uma das histórias de Lucas que contém Jesus comendo com pecadores e confraternizando com eles tem, como parte da narração, uma justificativa da prática de Jesus. Lucas pretende mostrar não apenas que Jesus agiu corretamente diante dos pecadores, mas preferencialmente assim.” KILGALLEN, John J. Was Jesus right to eat with sinners and tax collectors? **Biblica**, v. 93, Roma, n. 4, 2012, p. 599, grifo acrescentado.

continuação dessa temática, dois episódios de refeição e confraternização de Jesus com pecadores são apresentados no contato de Jesus com Levi e Zaqueu, dois publicanos/cobradores de impostos.

Antes de continuarmos, é mister relembrar a visão que o povo judeu mantinha sobre os cobradores de impostos e como os consideravam, religiosamente falando:

A falta de escrúpulos e a ganância do publicano tornaram-se proverbiais; ele era odiado universalmente (Cícero, *De officiis*, 1.42). Os judeus tinham motivos adicionais para desprezá-lo. A maioria deles considerava os impostos não como uma exigência legítima para a preservação da ordem social, mas como um tributo cobrado por um conquistador odiado, e aqueles de sua raça que exigiam esse distintivo de sujeição eram considerados vis e desprezíveis. Eles foram classificados com pecadores (Mt 9.11, 11.19; Mc 2.15–16; Lc 15.1), pagãos (Mt 18.17) e meretrizes (Mt 21.31–32). Nenhum publicano era permitido no Templo ou na sinagoga; seu testemunho em um tribunal de justiça não era aceito. São Mateus enfatiza o horror com que o publicano era visto pelo povo (Mt 5,46-47, 9,10-11, 11,19, 18,17), e ele é o único evangelista que indica que Levi, o publicano chamado para ser apóstolo, foi o próprio Mateus (cf. Mt 9,9-13 com Mc 2,14-17). Todos os três Sinóticos enfatizam a compaixão de Nosso Senhor por esses párias da sociedade (Mt 9.9–13, 11.19; Mc 2.15–17; Lc 7.29–34, 15.1, 18.9–14). (DOUGHERTY, 2003, p. 810).

Diante de tais designações desfavoráveis, não é de admirar que os fariseus se espantassem de que Jesus compartilhava ambientes e refeições com os publicanos. Porém, Cristo não se atinha aos preconceitos formados, mas estava ali para alcançar todos que precisassem de sua graça e amor, e isso, com certeza, incluía os cobradores de impostos. Agora, voltando às duas interações mencionadas acima, ambas ocorrem em ambiente familiar e num contexto de refeição.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> “As cenas das refeições do movimento cristão primitivo refletem essa característica inclusiva. Lucas apresenta a prática de Jesus de comer com os párias sociais como um prenúncio do ato de comer com não-judeus pelos membros do movimento cristão primitivo (Lc 6:1-6; 10-11; 15:1-29; 16: 25-34; 20:7-12; 27:33-38). Esler (1987:108-109; 1998:94-97), seguindo uma sugestão de Mary Douglas, interpreta as refeições compartilhadas de Jesus à luz de percepções antropológicas em termos de identidade de grupo e limites de grupo e argumenta que a comunhão à mesa entre Judeus e não judeus formam uma ponte vital no universo simbólico lucano. Além disso, ao sentar-se à mesa com párias, o lucano Jesus exemplifica a

Lucas 5,27-39 descreve o chamado de Levi e a posterior refeição oferecida a Jesus e seus discípulos. Levi era publicano e convida seus amigos publicanos e outras pessoas (que em Mt 9,10 e Mc 2,15 são chamados de “pecadores”) para estarem com Jesus. Isso não agradou os fariseus e seus escribas (Lc 5,30), o que gerou um diálogo entre Cristo e eles, no qual Jesus mostra que os doentes precisam de médico e não de exclusão e abandono (Lc 5,31), e que tal ensino não cabia na concepção limitada desses líderes religiosos judaicos, era algo novo (Lc 5,33-39). Nessa cena e nas outras cenas de refeição do Evangelho de Lucas, Jesus mostra seu amor, bem como o que ele espera de seus discípulos. “Ao comer com publicanos Jesus exemplifica o que sua comunidade deve fazer: ter compaixão, misericórdia e disposição de se ‘sujar’ na busca do perdido, isso fica demonstrado na refeição na casa de Levi”. (ARRUDA JUNIOR, 2023, p. 76).

Lucas 19,1-10 apresenta o encontro de Jesus com o publicano Zaqueu, não qualquer cobrador, mas o chefe deles e muito rico (Lc 19,2). Jesus vai para uma refeição na casa deste coletor de impostos,<sup>7</sup> o que em

---

inclusão em sua associação com as pessoas de classes sociais baixas.” PAULRAJ, Gideon S. S. **An Investigation of Lucan Meals with relevance to Food Justice in India**. 2020. 349f. Thesis (Doutorado) - Doctor of Philosophy in the School of Education and Humanities, University of Gloucestershire, 2020, p. 138.

<sup>7</sup> “Lucas não afirma explicitamente que uma refeição ocorreu nesta passagem usando palavras para ‘comida’ ou ‘comer’. No entanto, existem amplos argumentos sobre a linguagem que Lucas usa aqui no contexto das antigas práticas sociais israelitas para creditá-la como uma cena de refeição. Em primeiro lugar, Lucas usa o termo ὑποδέχομαι ao declarar a resposta de Zaqueu ao chamado de Jesus. Zaqueu desceu correndo da árvore ‘e o recebeu (ὑπεδέξατο) com alegria’ (Lc 19:6). Conforme discutido na história de Marta e Maria (Lc 10:38-42), o termo ‘ὑποδέχομαι’ indica uma recepção hospitaleira (receber alguém como convidado com comida e bebida). O chamado de Jesus (‘Zaqueu, desça depressa, pois hoje devo ficar em sua casa’; Lc 19:5) e o significado do termo ‘ὑποδέχομαι’ indicam uma cena de refeição. Além disso, o uso do aoristo aqui (‘ὑπεδέξατο’; Lc 19:6) indica que comida foi fornecida. Em segundo lugar, Jesus diz a Zaqueu: ‘Desça, pois hoje devo ficar (μείναι) em sua casa’ (Lc 19:5). O verbo μένω (‘ficar’) ocorre duas vezes no Evangelho (aqui e em Lc 24:29). Para tal ‘estadia’ na casa de alguém, é concebível no antigo Oriente Próximo que sempre implicasse que uma refeição tenha ocorrido. Além disso, Lucas usa o termo καταλύσαι (‘ser hóspede’; Lc 19:7; cf. Lc 9:12) duas vezes nesta história. O verbo καταλύω normalmente significa ‘destruir’ (BDAG, 522). A palavra καταλύσαι, portanto, necessariamente, neste contexto, também transmite o significado de alguém sendo provido de comida por um anfitrião, como em Js 2:1 (mencionado acima em Lc 10:38-42). O substantivo κατάλυμα dá um significado de ‘pousada’ ou ‘quarto de hóspedes’ ou ‘sala de jantar’, por exemplo, em Lc 2:7 (possivelmente), 22:11 e Mc 4:14. BDAG observa a conexão de κατάλυμα com seu cognato καταλύω em referência à hospitalidade (BDAG, 521). A escolha lucana dos termos μείναι e καταλύσαι indica

si, no Evangelho de Lucas, já aponta para uma atitude inclusiva, conforme percebido acima no registro do encontro com Levi. O desenrolar da história traz realces pragmáticos, tanto da ação de Jesus quanto de Zaqueu. Como Jesus, devemos nos aproximar de todos; tal associação é intencional e o propósito é ajudar o outro, levar salvação em todas as suas formas. Como Zaqueu, precisamos dispor nossos recursos na propagação do reino e no bem-estar dos necessitados. Aqueles que uma vez foram ajudados estão na dívida de serem ajudadores também. Além de sua inclusão ativa de publicanos e pecadores, Jesus também demonstrou sua abertura e compaixão em relação aos samaritanos e gentios.

## Samaritanos e gentios

Lucas dedica atenção especial aos samaritanos, destacando a compreensão de Jesus sobre a inclusão e a importância de transcender as barreiras sociais e étnicas. A parábola do bom samaritano (Lc 10,29-37) é um exemplo proeminente disso, bem como o relato de que um samaritano que era leproso, mas foi curado por Jesus, volta para agradecer (Lc 17,11-19). Além disso, em Lc 9,51-56, quando Jesus é rejeitado em uma vila samaritana, ele repreende os discípulos por quererem punir os samaritanos, mostrando sua atitude acolhedora. O Evangelho de Lucas também reflete a inclusão dos gentios na mensagem de Jesus. A genealogia de Jesus é traçada até Adão, enfatizando a natureza universal de sua missão (Lc 3,23-38). Em Lc 4,25-27, Jesus faz referência a episódios envolvendo gentios, como o profeta Elias sendo enviado a uma viúva em Sarepta (na região de Sidom) e o profeta Eliseu curando Naamã, o sírio. Os gentios eram todos os que não eram israelitas, mas e os samaritanos, afinal, quem eram?

Os samaritanos eram israelitas que viviam no Reino do Norte, mas há somente uma menção a eles no AT (2Rs 17.29). A palavra “samaritano”, como usada no NT, se refere a uma seita israelita, cujo santuário central estava no Monte Gerizim durante o período intertestamentário. Estes samaritanos são melhor conhecidos por meio da menção a eles nas narrativas dos evangelhos... Sua história começou depois da captura assíria da cidade de Samaria, em 721 a.C., e a deportação de 27.290 pessoas da população de Israel (este número é tomado do registro

---

fortemente que Jesus fez uma refeição com Zaqueu em sua casa. Em terceiro lugar, Lucas usa o verbo ἵστημι ('levantou-se'; Lc 19:8) para descrever a postura de Zaqueu quando ele faz uma declaração. Ellis e Marshall sugerem que a interpretação natural desse 'levantar-se' é no final da refeição (Ellis 1974:221; Marshall 1978:697). Embora este trecho não faça referências óbvias a uma refeição, os argumentos acima sugerem fortemente que Jesus compartilha uma refeição na casa de Zaqueu.” (PAULRAJ, 2020, p. 194-195).

da conquista de Sargão). Suas tradições atuais (que não são autenticadas por documentos dos tempos bíblicos) remontam a Adão. Seu principal rompimento histórico com a tradição israelita deu-se no tempo desta conquista assíria da Palestina... Sua história, como registrada por fontes judaicas, descreve os samaritanos como descendentes de colonos que os assírios estabeleceram no Reino do Norte, os quais se ligaram por casamento com a população israelita que os assírios deixou na terra. (KELSO, 2008, p. 424).

No NT há uma animosidade entre os judeus e os samaritanos, pessoas que tinham seu próprio santuário e uma teologia diferente, embora parecida. “De fato, os judeus passaram a considerar que os habitantes da Samaria não eram descendentes das ‘dez tribos’ que originariamente teriam formado o reino do Norte... os samaritanos... estariam excluídos dos benefícios concedidos ao povo eleito.” (NEF ULLOA, 2012, p. 363). Mas a obra lucana (Lc-At) trata esse grupo sob uma luz positiva, conforme explica Nef Ulloa (2012) em seu artigo sobre a presença dos samaritanos na obra lucana.

“No conjunto de Lc 3-24, deve-se sublinhar a existência de três perícopes exclusivamente lucanas<sup>12</sup> nas quais a presença samaritana é destacada: 9,51-55; 10,29-37; 17,11-19.” (NEF ULLOA, 2012, p. 364). Destas perícopes, destacamos duas (por questão de espaço e escopo deste artigo) a parábola do “bom” samaritano (Lc 10,29-37) e o episódio da cura de dez leprosos, dos quais um era samaritano (Lc 17,11-19).

Na parábola do bom samaritano, há uma inversão na expectativa, o sacerdote e o levita, de quem se esperava que cumprissem os preceitos da Torá, não o cumprem, e o desprezado samaritano o faz, “É muito interessante observar que o evangelista apresente como exemplo de observância dos mandamentos alguém que os seus ouvintes jamais esperariam.” (NEF ULLOA, 2012, p. 365). Há um padrão nesse texto, padrão que é visto no episódio da ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17), bem como na parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32), padrão que é reconhecido por Perondi (2015, p. 226-227) como cena-padrão ou cena-tipo, que têm um contexto no campo semântico da morte, mas, que após o olhar dos protagonistas e em seguida sua ação, a vida explode novamente. O samaritano vê o moribundo, age compassivamente e muda a história, possibilitando a vida. Ele, não os religiosos judeus, é o herói. Essa caracterização positiva gera um padrão de ação, tanto para o fariseu que a ouviu, quanto para os leitores do Evangelho – “Vai, e também tu, faze o mesmo” (Lc 10,37).

Na perícopa dos 10 leprosos que são curados (Lc 17,11-19), 9 são

judeus e 1 samaritano. Eles pedem que o Mestre Nazareno tenha misericórdia deles, Jesus manda que vão se mostrar aos sacerdotes, no caminho percebem que ficaram curados e continuam seu caminho, exceto o estrangeiro (Lc 17,18), que volta para agradecer, e isto faz a diferença, pois os outros receberam apenas a cura, ele recebeu a salvação, "...o samaritano que glorificando a Deus se prostrou diante de Jesus. Gesto frente ao qual, Jesus afirma que aquele homem samaritano, não estava apenas purificado, mas também salvo, segundo a sua fé manifestada." (NEF ULLOA, 2012, p. 366). Lucas assim, demonstra uma disposição favorável de Jesus para com os samaritanos, eles são amados e tratados como iguais pelo Messias.

Como ressaltado, a visão de salvação apresentada no Terceiro Evangelho tem um foco universal e não nacionalista, assim, pode-se ver em Lucas atitudes favoráveis para com os gentios, "...pode-se se afirmar que a teologia lucana, num primeiro momento, expressa a necessidade da reconstituição de Israel para, num segundo, narrar a participação dos gentios na herança de Israel." (NEF ULLOA, 2012, p. 369). Um exemplo disso é a perícopes da cura do servo de um centurião (Lc 7,1-10), os anciãos dos judeus exaltam a bondade desse gentio, o amor pelo povo judeu (Lc 7,4-5), Jesus age de maneira não usual para aquele tempo, pois decide entrar na casa de um gentio, embora o homem mande amigos dizerem que ele não é digno de que Jesus entre em sua casa (Lc 7,1-7), logo em seguida Jesus elogia a fé daquele homem (Lc 7,9). O servo é curado (Lc 7,10). Os gentios são bem-vindos, são aceitos, são irmãos. Finalizando essa parte, Grilli, amplia e reforça estes temas:

Não há outro livro bíblico que destaque, com a mesma intensidade de Lucas, a participação de Israel e dos gentios no plano divino de salvação. No entanto, é importante ressaltar que isso não se trata de uma abertura aos pagãos baseada na oposição a Israel. A disseminação da Palavra entre os gentios não é contra Israel, mas, pelo contrário, está em continuidade com a história da salvação vivida por Israel (cf. Is 40,3-5). Para Lucas, a salvação é oferecida e proclamada primeiro a Israel, que tanto necessita dela quanto as nações. Mas esse dom não exclui a oferta aos gentios; ao contrário, permite isso: em um nível fundamental porque os primeiros seguidores de Jesus eram judeus; em um nível histórico porque o fechamento de alguns (cf. Lc 2,34) permitiu a abertura para outros e a entrada dos gentios (At 28,28). Lucas retoma algumas tradições judaico-messiânicas de tendência centrípeta, que integram os gentios na história do povo messiânico, e as interpreta à luz do universalismo paulino, que derruba as falsas

barreiras de Israel. O universalismo brota da fé do povo de Deus e é lido por Lucas como uma dimensão profunda do plano salvífico, manifestado a Israel. (GRILLI, 2016, p. 269).

## Pobres e desfavorecidos

Lucas retrata Jesus como alguém profundamente sensível às necessidades e desafios enfrentados pelos pobres,<sup>8</sup> demonstrando compaixão e preocupação por eles de várias maneiras: bem-aventuranças ao pobres; ênfase na justiça social; generosidade e cuidado dos vulneráveis; inclusão dos marginalizados; um reino para os pobres, de fato, o Evangelho de Lucas enfatiza a ideia do Reino de Deus como um lugar de reversão de papéis, onde os pobres e os marginalizados, bem como todo aquele que escolhe entrar nesse Reino, encontram honra e restauração, há espaço para todos e todos são irmãos. Essa ênfase está alinhada com a visão de justiça e igualdade subjacente ao ministério de Jesus.

Esta seção destaca como o Evangelho de Lucas acolhe os pobres e vulneráveis de todas as formas. Isso é evidenciado primeiramente pela compreensão do conteúdo programático das ações de Jesus, conforme apresentado em sua visita à Nazaré (Lc 4). Há muito mais a ser explorado nesse tema, visto que o Terceiro Evangelho aborda extensivamente essa questão, apenas se ressalta de relance, que um dos recursos lucanos para a exposição deste tema são as parábolas, como explica Perondi:

As parábolas lucanas estão sintonia com a mensagem transmitida pelo terceiro Evangelho, pois nelas transparece o mesmo rosto compassivo, misericordioso e acolhedor do Jesus no Evangelho. Os pobres, perdidos, excluídos e marginalizados encontram acolhida e espaço. A mensagem da salvação é dirigida também e sobretudo a eles. Com suas parábolas, Lucas ensina que a novidade da mensagem de Jesus se manifesta no dia a dia das pessoas; é no cotidiano da vida que a proposta de Jesus se encarna. Nas parábolas lucanas, todas as pessoas excluídas de todos os tempos conseguem se identificar, reconhecer seu rosto, sentir-se acolhidas e valorizadas

---

<sup>8</sup> “O tratamento dos pobres (πτωχός, *ptōchos*) em Lucas-Atos ocorre principalmente no evangelho. Os dez usos deste termo ocorrem em Lucas, enquanto um outro texto em Atos alude aos pobres. Este grupo recebe atenção especial no evangelho, pois Deus os alcança conscientemente. Diz-se que o evangelho é para eles. É uma forma de mostrar que aqueles que a sociedade esquece são especiais para Deus; o evangelho é verdadeiramente para todos.” BOCK, D. L. **A theology of Luke’s Gospel and Acts: Biblical Theology of the New Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 2011, p. 352.

por Jesus. Sentem-se também amadas pelo Deus cujo rosto Jesus revela: um Deus próximo, que se comove em entranhas de amor e misericórdia, que é capaz de compreender seus sofrimentos e suas vidas. (PERONDI, 2019, p. 142).

Durante a visita de Jesus a Nazaré (Lc 4,16-30), ao entrar na sinagoga em um sábado, ele lê o “livro” do profeta Isaías (Is 61,1-2a; 58,6) e proclama que essa escritura está se cumprindo ali. Todo o contexto indica que essa leitura e seu conteúdo são o ponto central dessa primeira parte da narrativa (Lc 4,16-20). Esse fato é ressaltado por Langner ao demonstrar a estrutura quiástica presente nesse episódio:

Quadro 3 – Estrutura quiástica de Lc 4,16-20

v. 16a: Jesus entrou na sinagoga
v. 16b: Jesus se levantou
v. 17a: Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías
v. 17b: Jesus desenrolou o livro
v. 18-19: Citação de Isaías <sup>9</sup>
v. 20a: Jesus enrolou o livro
v. 20b: Jesus devolveu o livro
v. 20c: Jesus se sentou
v. 20d: todos, na sinagoga, tinham os olhos fixos nele

Fonte: LANGNER, 2012, p. 38

No citação de Isaías Lucas diz que o Evangelho é anunciado os pobres, mas quem são os pobres? São os pobres de espírito de Mt 5? Tem elementos religiosos/piedosos? Bock (2011, p. 355) responde: “Os pobres nestas passagens estão enraizados em textos do AT, aqueles que são os *ânawîm*, os pobres piedosos das Escrituras Hebraicas que são explorados, em parte por causa de sua associação com Deus.” Ele complementa e amplia a compreensão da identidade dos pobres e do dever para com eles:

É por isso que Jesus emite uma bem-aventurança para os pobres em Lucas 6:20. Fica claro pelos ais que se

<sup>9</sup> “A citação de Isaías está no centro desta estrutura, por isso tem uma importância especial: destaca que no Evangelho - durante as narrativas que se seguem - se realizará tudo o que Jesus aqui anunciou programaticamente. Assim se cumprirão as Escrituras: em 6,20 e 7,22 o Evangelho será anunciado aos pobres; em 7,21.22 e 18,35-43 a visão será dada aos cegos; em 7,21; 8,2; 8,26-39 e 9,37-43 Jesus libertará muitas pessoas dos espíritos malignos; e finalmente há muitos exemplos de remissões de pecados realizadas por Jesus; por exemplo, 5,20-24; 7,47.48; 24,47.” LANGNER, Córdula. Lc 4,16-30: Jesús proclama el año de gracia del Señor. In: GRILLI, Massimo; LANGNER, Córdula; GÁNDARA, Daniel L. (orgs.). **Riqueza y solidaridad en la obra de Lucas**. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2012, p.38.

seguem que esse uso dos pobres não é meramente ou exclusivamente espiritual. Este não é o “pobre de espírito” de Mateus. Há uma dimensão social neste grupo, pois as desgraças dos ricos que se seguem em Lucas 6:24-26 não são para os “ricos em espírito”, mas para os materialmente ricos. A definição resumida de Guelich é útil: “Os *pobres* no Judaísmo referiam-se àqueles em necessidade desesperada (elemento socioeconômico) cujo desamparo os levou a um relacionamento de dependência com Deus (elemento religioso) para o suprimento de suas necessidades e vindicação. Ambos os elementos estão consistentemente presentes, embora *’nwm* coloque mais ênfase no último”. Como vimos em Lucas, responder ao evangelho muda a maneira como as pessoas se relacionam não apenas com Deus, mas com os outros e com o próximo (1:16 – 17; 3:10 – 14; 10:25 – 37). Isso também pressupõe mudança nos valores. O resultado é que as preocupações com os necessitados aumentam (14:12-24). Isso é parte do que Jesus afirma aqui. Deus e sua comunidade cuidam dessas pessoas e compartilham com elas. (BOCK, 2011, p. 355-356).

A análise da estrutura quiástica em Lucas 4,16-20 revela a importância da proclamação de Jesus na sinagoga de Nazaré. Ao citar Isaías, ele anuncia o Evangelho aos pobres, ressaltando não apenas uma pobreza espiritual, mas também uma dimensão social. Essa identificação dos pobres como os necessitados, em uma relação de dependência com Deus, ressoa ao longo do Evangelho de Lucas, influenciando não apenas a relação das pessoas com Deus, mas também suas interações sociais e seus valores. A compaixão e o cuidado pelos necessitados emergem como elementos centrais da comunidade cristã, refletindo a atuação divina em favor dos mais vulneráveis.

### **Doentes e pessoas com deficiência**

O Evangelho de Lucas oferece um olhar perspicaz sobre a inclusão de grupos marginalizados na sociedade através do ministério de Jesus. Entre estes grupos estão os coxos/aleijados, cegos e leprosos, cuja presença e interação com Jesus são significativas ao longo do relato. Os coxos<sup>10</sup> são mencionados em conexão com curas tanto no Evangelho

<sup>10</sup> “Outros grupos daqueles à margem também são mencionados, mas com menos frequência e muitas vezes em conjunto com os pobres. Os coxos (χλωός, *chōlos*) aparecem em Lucas 7:22 na discussão com João Batista sobre o trabalho de Jesus que aponta para a era escatológica. Esta é uma das seis vezes em que esse termo é usado em Lucas-Atos. Aqui os coxos andam e os cegos veem (Isaías 29:18; 35:5-6). A cura da cegueira é significativa, já que nas Escrituras Hebraicas a cura de um

quanto em Atos, destacando a atenção especial dada a eles. Da mesma forma, os cegos<sup>11</sup> são tema frequente, com nove menções em Lucas-Atos, evidenciando a ênfase na capacidade de ver, não apenas fisicamente, mas também espiritualmente. Já os leprosos, embora não tão frequentes, representam um símbolo poderoso de exclusão e restauração na mensagem de Jesus. Esses encontros e curas não apenas demonstram o poder de Deus em ação, mas também revelam a intenção de Jesus em incluir os marginalizados, oferecendo-lhes dignidade e restauração.

Escrevendo especificamente sobre coxos e cegos, Bock comenta:

Esses dois grupos contribuem para o retrato do alcance de Jesus aos que estão à margem da sociedade. O evangelho é para eles, até mesmo especialmente para eles. Deus se aproxima daqueles em necessidade. Muitas vezes são aqueles em situações desesperadoras que melhor percebem sua necessidade de Deus, sem qualquer falso senso de segurança ou confiança equivocada em suas próprias capacidades. (BOCK, 2011, p. 357).

Coxo, “esse termo descreve uma condição física na qual a pessoa anda com dificuldade, ou então é inteiramente incapaz de fazê-lo. Se o defeito já está presente no nascimento é chamado de congênito, mas se é desenvolvido posteriormente é conhecido como adquirido.” (HARRISON, 2008, p. 1205).

Como uma demonstração da atitude benevolente e acolhedora de Jesus com os coxos, cegos e leprosos, são apresentadas a partir de agora breves comentários sobre alguns episódios onde estes grupos são referidos. (coxos - Lc 7,22; 14,13.21; leproso - 5,12-16; cego - 18,35-43).

---

cego nunca ocorre. Em Lucas 14:13 e 21, Jesus insta a que se convide os pobres, aleijados, coxos e cegos para a mesa. Estes são os únicos textos onde o termo para aleijado é utilizado (ἀνάπειρος, *anapeiros*). Curas de coxos ocorrem em Jerusalém em Atos 3 e em Listra em 14:8. Um resumo sobre curas em Samaria também aponta para os coxos.” (BOCK, 2011, p. 357).

<sup>11</sup> “O termo ‘cego’ (τυφλός, *typhlos*) ocorre nove vezes em Lucas-Atos, sendo oito desses usos no evangelho. Vários desses textos já foram discutidos (Lucas 4:18; 7:21-22; 14:13, 21). Na pregação de Jesus na sinagoga em 4:18, os cegos são capazes de ver (como também em 7:21-22), e os cegos estão entre aqueles a serem convidados para o banquete em 14:13 e 21. Lucas 6:39 apresenta um exemplo negativo ao advertir para não permitir que os cegos guiem os cegos, pois não são capazes de guiar, referindo-se à não seguir a liderança judaica. A cura de um cego em Jericó é o tema de 18:35-43. Em um raro milagre de juízo, Bar-Jesus é cegado em Pafos por tentar impedir Paulo de compartilhar o evangelho com Sérgio Paulo (Atos 13:11).” (BOCK, 2011, p. 357).

Em Lc 7,22, Jesus está descrevendo aos discípulos de João Batista o que eles devem relatar ao seu mestre. Três dos itens da mensagem são “cegos recuperam a vista, coxos andam, leprosos são purificados”, há outros itens,<sup>12</sup> a lista é uma generalização, com uma mensagem forte e alentadora: “deveríamos encontrar o clímax na generalização implícita: a intervenção de Deus não está restrita a certas categorias de sofredores, mas é para todos os aflitos.” (NOLLAND, 1989, p. 330). O que nos interessa, agora, é que Jesus curou os coxos. Em Lc 14,13 e 21, temos numa instrução dada a um anfitrião (v.13): “quando ofereceres um banquete, convida pobres, aleijados, coxos, cegos!” e uma ordem dada por um rei, na parábola do grande banquete (v.21): “faze entrar aqui os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos!” Essas listas se conectam e apontam para a atitude que o cristão deve ter para com as pessoas excluídas de maneira geral, como explica Nolland:

Além da inversão da ordem dos dois últimos termos, a lista de convidados é idêntica à do versículo 21, de onde provavelmente foi emprestada. O vínculo sugere que estamos sendo orientados a organizar nossa hospitalidade nas refeições com base na mesma maneira como Deus faz ao planejar o grande banquete escatológico que ele está convocando (cf. Cavallin, “Bienheureux seras-tu,” 540). Há também uma correspondência próxima com as categorias de pessoas mencionadas em 7:22 como tendo sido tocadas pelo ministério de Jesus. (NOLLAND, 1993, p. 751).

No relato da cura do leproso, tem-se uma narrativa de milagre, e segundo Lima (2017, p. 194) o propósito da narrativa de milagre (a cura é um dessas narrativas) é “indicar o poder (de Jesus; ou de Deus, no caso dos apóstolos) sobre o mal e a morte, mostrar a compaixão divina para com a dor humana e a chegada do tempo de salvação”. Embora, não se haja correlação direta entre a lepra bíblica e o mal de Hansen,<sup>13</sup> isso não a tornava menos dolorosa, pois gerava

<sup>12</sup> “A mensagem de Jesus derruba tais preocupações, apresentando ‘os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos’ – exemplos notáveis daqueles relegados a um status inferior, marginalizados de acordo com os cânones normais de honra de status no mundo mediterrâneo – como pessoas a serem contadas entre os íntimos da mesa e, por analogia, entre o povo de Deus.” GREEN, Joel B. **The Gospel of Luke**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997, p. 553.

<sup>13</sup> “O grego abrange uma ampla gama de doenças que produziram escamas. A lepra grega pode ter incluído a lepra verdadeira, ou seja, a hanseníase, mas definitivamente não se limita a ela. De fato, as descrições bíblicas de zara‘at não incluem a necrose associada à hanseníase. Até agora nenhum esqueleto do período bíblico mostra quaisquer sinais de hanseníase. O termo zara‘at é um nome genérico, abrangendo uma variedade de doenças de pele, incluindo muitos tipos

segregação e vergonha, a pessoa era tida como habitando no reino da morte, levando-os à mendicância, como explica Hugues (1998, p. 167, tradução nossa): “Os leprosos eram tipicamente mendigos porque não havia como se sustentar. Às vezes, suas famílias depositavam alimentos em lugares remotos. Costumavam viver em bandos — companheiros párias (cf. 2 Reis 7:3; Lucas 17:12).” E para piorar, a pessoa doente não tinha como sair de sua situação sozinha, necessitando do auxílio divino e de seus profetas. Assim, a cura efetuada por Jesus diz muito do que significou para o beneficiado.

Por fim, a cura do cego, este é o único relato no Evangelho de cura de cegueira, mas tem um tom especial, por ser performativo, ele traz indicações da qualidade do Reino de Deus e da resposta correta a ele. Algo que Green reforça e amplia:

... o único relato narrativo de Jesus realmente proclamando “a recuperação da visão aos cegos” (4:18; cf. 7:22); no entanto, sua importância primária reside em seu papel como um relato exemplar. Ambientado em seu contexto atual, o relato de Lucas da cura do cego epitomiza (1) o significado soteriológico do trabalho de cura de Jesus em nome dos “pobres” como uma manifestação do agora-ativo reino de Deus, (2) o comportamento adequado àqueles que desejam os benefícios das boas novas do reino, e (3) a contínua resistência de alguns aos valores de ponta-cabeça do reino, que concedem privilégios aos menos, aos últimos e aos excluídos da sociedade. Pessoas que não conseguem compreender a correlação de vergonha e sofrimento com a vindicação divina (cf. vv 14, 31–34) - isto é, aqueles que não conseguem compreender que o plano divino está orientado para a salvação como inversão de status - dificilmente anteciparão o dom da salvação e do

---

não contagiosos. Assim, a doença de Miriã foi transitória (Nm 12:10-15) e a de Naamã não o impediu de se misturar livremente na sociedade (II Reis 5). Provavelmente, apenas aqueles realmente banidos de seus semelhantes sofreram ao longo da vida, por exemplo, os quatro “leprosos” forçados a viver fora de Samaria (II Reis 7:3-10) e o rei Uzias, que ficou permanentemente em quarentena em bairros separados (II Crônicas 26: 19-21). Textos médicos do antigo Oriente Próximo atribuem a doença à magia negra ou ao pecado do sofredor (R.C. Thompson, *Assyrian Medical Texts* (1923); A.L. Oppenheim, *Ancient Mesopotamia* (1977, 288-305). Na Bíblia, sempre que uma razão é dada para um ataque de zara'at, está em conexão com um desafio a uma autoridade devidamente constituída (Zakovitch). MICHMAN, Jozeph; SPERLING, S. David; RABINOWITZ, Louis I. *Leprosy*. In: SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael. (eds). **Encyclopaedia Judaica, Volume 12**. 2nd. ed. Farmington Hills: Thomson Gale; Jerusalem: Keter Publishing House, 2007, p. 650, grifo nosso.

discipulado para tais excluídos sociais como um mendigo cego. No entanto, na economia lucana, são precisamente pessoas marginalizadas como este mendigo que são mais propensas a se aproximar de Jesus com abertura e expectativa de beneficiação divina. É exatamente dessa maneira que alguém demonstra sua adequação para o reino - a preocupação desta seção narrativa mais ampla (18:9–19:27). (GREEN, 1997, p. 661-662).

## Fariseus e oposição

Nos Evangelhos, e isso inclui o de Lucas, os fariseus se apresentam como um grupo opositor de Jesus e de Sua mensagem, porém, “os repetidos relatos das refeições com os fariseus ilustram a amizade de Jesus com eles, o que é exclusivo do Evangelho de Lucas.” (PULRAJ, 2020, p. 139). Este fato, por si, já demonstra a atitude inclusiva do Mestre para com todos. Em Lc 13,31, alguns fariseus alertam Jesus sobre a intenção de Herodes de matá-lo. Embora a motivação dos fariseus possa ser discutível, o fato de eles advertirem Jesus sugere uma preocupação genuína com sua segurança. Isso ressalta que, em algumas situações, fariseus expressaram interesse em Jesus. Em Lc 13,34, Jesus lamenta sobre Jerusalém e expressa seu desejo de reunir seus habitantes “como a galinha a própria cria sob as asas”. Essa linguagem reflete um desejo de proteção e cuidado, inclusive em relação aos fariseus e líderes que muitas vezes estavam em conflito com ele.

Os fariseus “representavam um setor mais rígido do judaísmo e seu nome deriva do verbo hebraico *parash* (separar) caracterizando a sua estrita exclusividade.” (TENNEY, 2010, p. 105) Daí a repulsa por quem eles consideravam que os contaminaria, contaminaria o Templo ou a Sinagoga. Os fariseus justificavam suas ações com um discurso piedoso, afinal eles queriam a salvação dos pecadores, mas tal resultado, pensavam eles, viria pelo entendimento dos perdidos, de que os santos não se contaminariam com eles e assim deveriam mudar de atitudes e intenções. Cristo “foi atacado, porque não deu atenção ao princípio de separação dos fariseus e entrou em contato com os *'am-hā'ārez*, gentios, e enfermos de uma forma que os horrorizou (Mt 9:25, Mc 3:10).” (SCOTT, 1906, p. 355).

Embora haja desavenças entre os fariseus e Jesus, o Mestre também queria alcançá-los. Três refeições transcorrem em casas de fariseus (Lc 7,36-50; 11,37-54; 14,1-24), sendo que “um convite farisaico a Jesus para uma refeição ocorre em todos os três relatos (Lc 7,36; 11,37; 14,1), com o convite expresso nos dois primeiros e implícito no terceiro.” (PAULRAJ, 2020, p. 167). Essas ocasiões de refeição ilustram não apenas a amizade de Jesus com os fariseus, mas também sua intenção de dialogar e alcançar mesmo aqueles que eram vistos como opositores de sua

mensagem. Embora, durante essas refeições Jesus revele não apenas sua compaixão e desejo de inclusão, mas também sua firmeza ao confrontar hipocrisias e injustiças. Em Lucas 7,36-50, Jesus se envolve em uma discussão sobre o perdão e a fé, mostrando que a misericórdia divina não tem limites, mesmo para aqueles considerados pecadores públicos. No relato de Lucas 11,37-54, Jesus denuncia a hipocrisia dos fariseus, criticando sua preocupação excessiva com rituais externos em detrimento da justiça e do amor. E em Lucas 14,1-24, durante outra refeição na casa de um fariseu, Jesus desafia as normas sociais ao curar um homem com hidropisia no sábado, também mostra que os excluídos (pobres, aleijados, cegos e coxos) devem ser aceitos e acolhidos.

Esses episódios não apenas mostram a disposição de Jesus em se envolver com os fariseus, mas também ressaltam a mensagem central de seu ministério: o Reino de Deus é para todos, independentemente de sua condição ou status social. Jesus não apenas aceita os marginalizados, mas os inclui em seu Reino, desafiando as normas da sociedade e revelando a verdadeira essência da justiça e da compaixão divinas. Assim, as refeições com os fariseus em Lucas não são apenas eventos sociais, mas oportunidades para Jesus ensinar, confrontar e transformar vidas, inclusive daqueles que o criticavam.

### **Considerações finais**

Ao analisar as interações de Jesus com diversos grupos marginalizados e vulneráveis em Lucas, podemos ver claramente o foco universal de salvação presente em sua mensagem. Jesus não apenas demonstrou compaixão e inclusão para com esses grupos, mas também desafiou as normas sociais e religiosas de sua época, promovendo a ideia de que todos são incluídos no plano de salvação de Deus. Esta pesquisa enfatiza que o foco na salvação universal não apenas apoia, mas também fortalece a ideia de que somos todos irmãos, independentemente de nossa posição na sociedade. A mensagem de Lucas nos lembra da importância de cuidar dos marginalizados e de reconhecer a igualdade e fraternidade entre todos os seres humanos.

Com o olhar perspicaz oferecido pelo Evangelho de Lucas sobre a inclusão de grupos marginalizados na sociedade através do ministério de Jesus, somos levados a refletir não apenas sobre os coxos, cegos, leprosos, mulheres, pecadores, publicanos, samaritanos, gentios, pobres e desfavorecidos mencionados, mas sobre a mensagem profunda de inclusão e restauração que permeia todo o relato. Ao longo da narrativa, Jesus não apenas cura os doentes e interage com os excluídos, mas os coloca como protagonistas de sua mensagem, evidenciando não apenas o poder de Deus em ação, mas também a intenção de Jesus em oferecer dignidade e

esperança aos marginalizados. As curas dos coxos, cegos, leprosos e outros excluídos não são apenas demonstrações de poder divino, mas manifestações do Reino de Deus em ação, onde os que sofrem encontram compaixão e cura.

Paralelamente, as interações de Jesus com os fariseus destacam outra faceta de sua missão inclusiva. Apesar das diferenças e desavenças, Jesus não se afasta dos fariseus, mas busca alcançá-los também. As refeições em suas casas não são apenas eventos sociais, mas oportunidades para ensinar, confrontar hipocrisias e revelar a verdadeira essência da justiça e compaixão divinas. Jesus desafia as normas sociais ao incluir os marginalizados em seu convívio e demonstra que o Reino de Deus é para todos, independentemente de sua condição ou status social.

Ao considerar todas essas passagens e ensinamentos, somos lembrados da necessidade de sermos inclusivos com os desfavorecidos, pois somos todos irmãos perante Deus. Em um mundo marcado por divisões e exclusões, a mensagem de Lucas ressoa poderosamente, lembrando-nos do amor incondicional de Deus por todos os seus filhos e nossa responsabilidade de agir com compaixão e justiça para com aqueles que são marginalizados. Como discípulos de Jesus, somos chamados a seguir seu exemplo de inclusão e restauração, reconhecendo a humanidade comum que compartilhamos e agindo em solidariedade com os que mais necessitam. Que possamos, em nossas interações diárias, ser agentes de transformação e compaixão, abrindo nossos corações e mãos para receber e acolher todos os nossos irmãos e irmãs. Deve haver uma transformação individual, uma abertura, em todo aquele que se diz filho de Deus, como reitera Bock:

As dimensões sociais de Lucas não mostram nenhum esforço de revolução ou derrubada política. O que os textos evidenciam é um alcance aos que estão à margem da sociedade. A apreciação pelo caminho de Deus leva a valores que se importam com essas pessoas, em contraste com a maneira como o mundo as tem relegado ao abandono. O envolvimento e a preocupação de Jesus com as mulheres, os pobres, os coxos e os cegos mostram que Deus se importa com todo o espectro de pessoas. A comunidade que Jesus forma também deve se importar com essas pessoas, até mesmo dando atenção especial a elas. Esta é uma das maneiras pelas quais os valores da nova comunidade contrastam com os do mundo. (BOCK, 2011, p. 358).

## REFERÊNCIAS

ARRUDA JUNIOR, Vamberto M. Assentados à mesa do Mestre: inclusão e

aceitação encontradas nas cenas de refeição em Lucas. **Revista Teologia em Questão**, Taubaté, n. 39, p. 58-81, 2023. Disponível em: <https://tq.dehoniana.com/tq/index.php/tq/article/view/296/273>. Acesso em: 03 jan. 2024.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia**. Direção Geral: Ágda França, Direção editorial: Vera Ivanise Bombonato; tradução: Alessandra Serra Viegas *et al.* São Paulo: Paulinas, 2023.

BOCK, D. L. **A theology of Luke's Gospel and Acts**: Biblical Theology of the New Testament. Grand Rapids: Zondervan, 2011.

CHAMPLIN, R. Norman. Lucas, Evangelho de. *In*: CHAMPLIN, R. Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia, vol. 3**: H-L. São Paulo: Hagnos, s.d. p. 909-913.

DOUGHERTY, John M. Publicans. *In*: CARSON, Thomas. CERRITO, Joann. (eds.). **New Catholic Encyclopedia Vol. 11**: Pau-Red. 2nd. Ed. Farmington Hills; Washington: Gale Group; Catholic University of America, 2003, p. 809-810.

FITZMYER, Joseph A. **The Gospel according to Luke I–IX**: introduction, translation, and notes. New Haven; London: Yale University Press, 2008. (Anchor Yale Bible, vol. 28).

GREEN, Joel B. **The Gospel of Luke**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997. (The New International Commentary on the New Testament).

GRENZER, Matthias. Em defesa da criança (Ex 1,15-2,10). **Revista de Cultura Teológica**, v. 55, p. 25-37, 2006.

GRILLI, Massimo. **Vangeli sinottici e Atti degli apostoli**. Bologna: Centro Editoriale Dehoniano, 2016.

HARRISON, Roland K. Coxo. *In*: TENNEY, Merrill C. (org.). **Enciclopédia da Bíblia cultura cristã Vol. 1**: A-C. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 1205-1206.

HUGHES, R. Kent. **Luke**: that you may know the truth, Preaching the Word. Wheaton: Crossway Books, 1998.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulinas, 1983.

KELSO, James L. Samaritanos. *In*: TENNEY, Merrill C. (org.). **Enciclopédia da Bíblia cultura cristã Vol. 5**: Q-Z. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 424-428.

KILGALLEN, John J. Was Jesus right to eat with sinners and tax collectors?

**Biblica**, v. 93, Roma, n. 4, p. 590-600, 2012

LAKE, Donald M. Mulher. *In*: TENNEY, Merrill C. (org.). **Enciclopédia da Bíblia cultura cristã Vol. 4**: M-P. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 396-402

LANGNER, Córdula. Lc 4,16-30: Jesús proclama el año de gracia del Señor. *In*: GRILLI, Massimo; LANGNER, Córdula; GÁNDARA, Daniel L. (orgs.). **Riqueza y solidaridad en la obra de Lucas**. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino, 2012, p. 33-59. (Evangelio y Cultura, v. 3).

LIMA, Maria de Lourdes C. **Exegese Bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2017.

MCMAHAN, Craig T. **Meals as type-scenes in the Gospel of Luke**. 1987. 341f. Thesis (doutorado em Teologia -PhD) - Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, 1987.

MARSHALL, I. Howard. **The Gospel of Luke: a commentary on the Greek text**. Exeter: Paternoster Press, 1978. (New International Greek Testament Commentary).

MICHMAN, Jozeph; SPERLING, S. David; RABINOWITZ, Louis I. Leprosy. *In*: SKOLNIK, Fred; BERENBAUM, Michael. (eds). **Encyclopaedia Judaica, Volume 12**. 2nd. ed. Farmington Hills: Thomson Gale; Jerusalem: Keter Publishing House, 2007, p. 650-653.

NEF ULLOA, Boris A. A presença dos samaritanos na obra lucana (Lc-At): uma análise de sua importância teológica na reconstituição de Israel realizada pelo Messias Jesus, o filho de Jacó. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 41, p. 359-370, 2012.

NOLLAND, John. **Luke 1:1–9:20**. Dallas: Word, Incorporated, 1989. (Word Biblical Commentary, vol. 35A).

NOLLAND, John. **Luke 9:21–18:34**. Dallas: Word, Incorporated, 1993. (Word Biblical Commentary, vol. 35B).

PERONDI, Ildo. Presenças do verbo mover-se de compaixão (σπλαγγίζομαι) nos evangelhos sinóticos. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v.46, jan./abr. 2014, p. 161-173.

PERONDI, Ildo. **A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc 7,11-17). O emprego do verbo splangxizomai na perícopie e no Evangelho de Lucas**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.

PERONDI, Ildo; CATENASSI, Fabrizio Z. Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas. **Cadernos Teologia Pública**, São

Leopoldo, UNISINOS, Ano 13, v. 13, n. 118, 2016. (cada edição é de apenas um artigo).

PERONDI, Ildo. As parábolas no Evangelho de Lucas. *In*: SOLANO ROSSI, Luiz A.; SILVA, Valmor da. (orgs.). **Parábolas na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2019, p. 129-143. (Coleção Temas Bíblicos).

PAULRAJ, Gideon S. S. **An Investigation of Lucan Meals with relevance to Food Justice in India**. 2020. 349f. Thesis (Doutorado) - Doctor of Philosophy in the School of Education and Humanities, University of Gloucestershire, 2020.

POWELL, Mark A. **Introducing the New Testament**: a historical, literary and theological survey. 2nd. Ed. Grand Rapids, Baker Academics, 2018.

SCOTT, Hugh M. Pharisees. *In*: HASTINGS, James. (org.). **A Dictionary of Christ and the Gospels Vol. 2**: Labour–Zion. Edinburgh; New York: T&T Clark; Charles Scribner's Sons, 1906, p. 351-356.

TENNEY, Merrill C. **Tempos do Novo Testamento**: entendendo o mundo do primeiro século. Rio de Janeiro: Assembleia de Deus, 2010.